

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL**

**O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA  
ANÁLISE GERAL**

**PATO BRANCO – PR**

**2014**

**FRANCISCO FERREIRA**

**O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA  
ANÁLISE GERAL**

Artigo apresentado como requisito para obtenção da certificação do curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação do Campo pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral - UFPR

Orientador: Prof. Fábio Carvalho Messa.

**PATO BRANCO – PR**

**2014**

# O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE GERAL

FERREIRA, Francisco <sup>1</sup>  
MESSA, Fábio Carvalho <sup>2</sup>  
Universidade Federal do Paraná

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa contempla a temática: o ensino da Língua Portuguesa na Educação do Campo em uma análise geral. Afirma-se que a educação do campo deve ser trabalhada de modo diferenciado que no meio urbano. Porém, em muitos casos, isso não ocorre. A Língua Portuguesa, como disciplina privilegiada, pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico, do resgate de valores e cultura do campo através de práticas discursivas que contemplem a realidade do educando. Partindo desta premissa, apresenta-se que o objetivo principal deste estudo é apresentar a respeito do ensino da Língua Portuguesa na Educação do Campo em uma análise geral. Sobre os objetivos específicos, apresentam-se: contemplar a respeito da importância da realidade do educando na educação do campo; propor sugestões de metodologias para o ensino da Língua Portuguesa na educação do campo e averiguar sobre a prática docente mediante o processo de ensino na educação do campo. Como metodologia para realização deste trabalho, empregou-se a pesquisa bibliográfica, com análise de diversos autores e materiais a respeito do referido tema de pesquisa.

**Palavras-chave:** educação do campo, realidade, Língua Portuguesa.

## 1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, afirma-se que a educação deveria ser algo nato do ser humano, sendo somente lapidada, aprimorada pela escola.

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo pela Universidade Federal do Paraná – setor Litoral - campus UAB de Pato Branco, Paraná, 2014.

<sup>2</sup> Orientador de TCC do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Paraná, 2014.

Contudo, sabendo-se que a realidade não é esta, é competência da escola, em muitos casos, toda e qualquer forma de educação, desde a higiene pessoal dos alunos até o conteúdo de disciplinas específicas.

Para tanto, o docente necessita conhecer amplamente a realidade social na qual seus educandos estão inseridos, seu contexto, sua família, seus objetivos, sua cultura e valores, conhecimentos prévios, entre outros. Na educação do campo não é diferente. Ao atuar nesta modalidade de ensino, é necessário que todos estes aspectos sejam contemplados pelo docente em sua prática pedagógica.

Assim, este estudo possui, como temática central, o ensino da Língua Portuguesa na educação do campo.

O objetivo principal é apresentar a respeito do ensino da Língua Portuguesa na Educação do Campo em uma análise geral.

Sobre os objetivos específicos, apresentam-se:

- Contemplar a respeito da importância da realidade do educando na educação do campo;
- Propor sugestões de metodologias em sala de aula para o ensino da Língua Portuguesa na educação do campo e
- Averiguar sobre a prática docente do professor do campo mediante o processo de ensino na educação do campo.

Assim, apresenta-se este estudo, o qual contempla o ensino da Língua Portuguesa na educação do campo.

## **2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE GERAL**

### **2.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM AMPLOS ASPECTOS**

Comentando a respeito da definição de campo, contempla-se que o campo:

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação (FERNANDES, 2004, p. 137, *sic*).

Assim, contempla-se que a educação do campo, por si só, deve ser vista como uma educação diferenciada, com peculiaridades e características específicas. As escolas rurais ou do campo são aquelas presentes na área rural, sendo que são distintas das escolas “normais”, da cidade:

(...) a questão da escola rural, é fundamental pensá-la em sua dependência aos esquemas montados para as escolas urbanas. Além disso, numa conjuntura como a nossa, pouco importa onde se localiza, o modelo escolar é urbano (conferir programas de ensino a distância), e o máximo que se faz é contextualizá-lo, ou seja, adaptá-lo em aparência e não historicizá-lo em sua diferença necessária (ORLANDI, 2002, p. 247).

Conforme apresenta o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, as escolas do campo possuem as seguintes características:

As escolas rurais apresentam características físicas e dispõem de infraestrutura bastante distinta daquelas observadas nas escolas urbanas. Por exemplo, enquanto 75,9% dos estabelecimentos urbanos estão equipados com microcomputadores, apenas 4,2% dos estabelecimentos rurais de ensino contam com este recurso. Equipamentos como biblioteca, laboratório e quadras de esporte não fazem parte da realidade das escolas rurais (INEP, 2007, p. 29).

Entretanto, segundo Brandão “a rigor, não existe educação rural: existem fragmentos da educação escolar-urbana introduzidos no meio rural (BRANDÃO, *apud* MUNARIM, 2010, p. 15)”.

Além disso, o currículo deve evidenciar, deve ser definido como meio rural, sua cultura, suas atividades produtivas, sua sociabilidade, crença, sendo valorizados no currículo escolar. A cultura urbana não deve ser dominante no meio rural, pois há uma manifestação cultural diferenciada da dominante, da ligada ao setor urbano-industrial (GRITTI, 2003).

Salienta-se que parte-se do pressuposto que todos têm direito à educação pública e com qualidade. Além disso, afirma-se que o processo de ensino, com toda

sua metodologia e prática, deve estar embasada na realidade do educando, na sua cultura, seus conhecimentos prévios, enfim, em tudo o que o cerca.

Lev Semenovitch Vygotsky (2002, p. 3), psicólogo bielo-russo e estudioso da área de aprendizagem da criança, declara, em sua teoria da aprendizagem sócio-interacionista, que o aluno aprende quando inserido na sociedade e com sua interação com o meio que o cerca. “Todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade.”

Deste modo, para que o processo de ensino e aprendizagem realmente se concretize, é preciso a interação com os outros, com o meio social e cultural e deve ser valorizada a realidade do educando.

Assim sendo, a escola do campo deve atender a todas as peculiaridades e características presentes na vida rural do educando, sua cultura, realidade, conhecimentos prévios, de acordo com cada região. Isso está estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394/96:

Nesse sentido a escola deve atender às peculiaridades da vida rural e de cada região conforme estabelecido pelo artigo 28 da LDB, que institui:  
Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:  
I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;  
II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;  
III – adequação à natureza do trabalho rural (BRASIL, 1996, Artigo 28).

Deste modo, em consonância com o que prerroga a legislação educacional vigente, o ensino em instituições do campo deve acompanhar todas as necessidades do educando, sendo que a escola e todos os envolvidos devem realizar as adaptações necessárias para o bom desenvolvimento das atividades escolares.

Na continuidade, apresentar-se-á a respeito do ensino da Língua Portuguesa em escolas do campo e a importância da realidade do aluno na prática docente.

### **3 APRESENTAÇÃO GERAL SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE DO ALUNO**

A Língua Portuguesa, como disciplina privilegiada, contempla as práticas da oralidade, da leitura, da escrita e da análise linguística do idioma falado no Brasil.

Nas escolas da rede estadual de ensino, os encaminhamentos para o ensino desta língua embasam-se nas Diretrizes Curriculares Estaduais para o Ensino de Língua Portuguesa. Tais Diretrizes indicam a utilização dos gêneros discursivos para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. São diversos os gêneros que podem ser contemplados para a prática desta disciplina:

Nesse sentido, o uso de textos, poesias, charges, filmes, livros, jornais e revistas, são materiais pedagógicos que quando usados individualmente ou de forma articulada podem levar a conhecer outros tempos e espaços, mesmo quando fisicamente se está condicionados ao espaço da sala de aula e o tempo/hora da disciplina, gerando novas práticas e novas experiências, como produção de textos e charges de opinião, dramatizações e debates, entre outras atividades (PARANÁ, 2009, p. 71).

Partindo-se da realidade dos alunos no meio rural, o docente pode oportunizar ao educando o contato com inúmeros gêneros literários de acordo com o objetivo da aula, dando-lhe o enfoque necessário para sua aprendizagem.

Assim, a educação do campo deve contemplar, desde o planejamento escolar até a prática pedagógica em si, o contexto no qual o aluno está inserido, fazendo a leitura de seu mundo, de sua realidade.

Não significa que agora o conteúdo será apenas neste enfoque, mas significa que o campo é conteúdo a partir do contexto onde está a escola, permitindo que se fale desde ali, que dali se aprenda a ler o mundo, estabelecendo pontes, debates, aprofundamentos com o conhecimento científico que deverá ser socializado com profundidade para se alcançar à função social da escola, do ensino, no contexto do campo (PARANÁ, 2009, p. 22).

Além disso, a escola, em sua função social, deve oportunizar a participação da comunidade na escola, da família, através de uma gestão democrática, com participação das decisões da mesma, participando ativamente de todas as ações que ela realiza. Conforme salienta Caldart (2002, p. 26), “o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive (...), o povo tem direito a uma educação pensada desde

o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.”

Também, ressalta-se a importância da família, de seus valores e costumes para a educação:

O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo com a rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico (PARANÁ, 2006: 22).

Deste modo, para começar o trabalho na educação do campo, o professor deve conhecer sua clientela, sua realidade, sua família. Deste modo, o professor torna-se pesquisador, podendo contribuir ainda mais com a educação de seus educandos do campo, de modo a realizar inúmeras atividades significativas para seus educandos, relacionando-as com seus conhecimentos, fazendo-os participar ativamente do processo educativo:

Investigar a comunidade é um exercício que pode revelar um conjunto de características, elementos da vida cotidiana, que quando articulado com os conteúdos escolares podem contribuir muito para valorizar as especificidades locais dos sujeitos do campo, suas manifestações políticas, culturais, econômicas e socioambientais, tornando-os protagonistas do processo educativo (PARANÁ, 2009, p. 67).

O que expõe as Diretrizes Curriculares Estaduais, neste contexto, é que o docente deve conhecer vastamente a realidade de seu educando, para aperfeiçoar ainda mais sua prática pedagógica. Com isso, partindo-se da educação embasada na realidade dos alunos, estes sentir-se-ão parte do processo educativo.

Partindo desta afirmação, a cultura, o local no qual a família e a escola estão inseridas deve ser contemplado na educação do campo. Suas vivências, experiências, conhecimentos prévios, tudo deve abranger as práticas e ensino desta educação. Diferentemente de uma educação aplicada em escolas urbanas, a educação no campo deve ser diferenciada. O educando deve idealizar seu local, seus costumes, sua cultura como certos, orgulharem-se de onde vivem.

O ensino da Língua Portuguesa, neste contexto, pode oportunizar ao educando a análise da realidade local, resgatando sua cultura, suas necessidades,

abordando a questão social e, principalmente, a importância da pequena propriedade para toda a sociedade e para si mesmo.

A escola atual, (...), está inserida num contexto cujo modelo de desenvolvimento para a vida humana é pautada pela lógica urbano-industrial, que no campo se expressa principalmente através do agronegócio, que acaba sendo considerado moderno, produtivo, economicamente viável, entre outras características, em detrimento das pequenas propriedades. Apesar do contexto, ainda se mantém práticas comunitárias nestas unidades de produção, que dão conta de atividades, onde a presença humana é maior que a máquina, produzir muito não significa apenas o lucro, mas também a sobrevivência das famílias, dos costumes, das tradições festivas, religiosas, da ajuda mútua, entre outras características, dependendo de cada realidade vivenciada (PARANÁ, 2009, p. 82).

Nas aulas de Língua Portuguesa, a oralidade, a escrita, a análise linguística e a leitura podem e devem demonstrar e resgatar a importância do campo, fazendo com que os educandos tenham orgulho de onde vivem, de seus costumes, sua cultura. E compete ao docente fazê-los refletir sobre isso e sobre o que a mídia lhes demonstra: o contrário.

Um exemplo disso seria, com apoio da TV Pendrive ou Multimídia, mostrar imagens publicitárias aos educandos para, oralmente, interpretá-las, refleti-las, analisar sua intencionalidade.

As propagandas levam a imaginar sempre uma vida melhor na cidade. Mas a maioria recebe o salário e não tem para pagar as contas e ainda tem que gastar com a imagem (moda) para ser reconhecido. No interior pensamos menos nisto, investimos mais em outras coisas. A pressão sobre o jovem no interior quanto à imagem e à moda também existe, mas é menor. É preciso ter um olhar diferente sobre a cidade na relação com o campo para melhor compreender a realidade. Não é só porque é da cidade que é ruim e não é porque é do campo que é bom. Precisamos de um olhar que mostre as contradições, tanto da cidade quanto do campo. No campo é difícil ter um projeto claro, assumido, decidido. Parece que ao sair do campo superam-se os problemas, como se na cidade não houvesse a mesma sociedade excludente, capitalista. Cidade e campo precisam repensar-se, porque hoje são controlados pelas empresas que definem o padrão de vida e de pensamento (DUARTE E GRIGOLO, 2006, p. 109).

Assim, a análise de propagandas, comerciais, gêneros publicitários em geral, por exemplo, é algo muito interessante para se trabalhar na educação do campo em Língua Portuguesa. Com estes gêneros, é possível desenvolver o senso crítico, a análise da realidade, das informações subentendidas, pressupostas, preconceitos

implícitos e explícitos, entre outros conhecimentos e habilidades, tanto na leitura, na oralidade e na escrita.

Também, de acordo com os Cadernos Temáticos da Educação do Campo da Secretaria Estadual de Educação (2009), sugerem-se filmes para a prática pedagógica, como: Tristeza do Jeca, Jeca Tatu, Tapete Vermelho, Estado de Residência, Conversa com Milton Santos, Central do Brasil, Narradores de Javé, Nenhum a Menos, Kiriku e a Feiticeira, Ser e Ter, A Corporação, Memórias de Cativo, Sementes da Memória, Guerra de Canudos, Morte e Vida Severina, Madadayo, Meu Japão Brasileiro, entre outros.

Na educação do campo, ressalta-se que um dos principais aspectos que não pode faltar no planejamento escolar é que o professor foque a realidade do educando e seus conhecimentos prévios, com práticas pedagógicas diferenciadas para estes alunos:

Pensar em formas alternativas de como encaminhar as práticas pedagógicas já existentes nas escolas do campo também é uma forma de rever e prever novas possibilidades educacionais. O que corre hoje, pelos relatos feitos pelos professores, são projetos como: horta escolar, jardinagem, alimentação saudável, remédios caseiros, plantio de mata ciliar, etc; porém, muitos deles são desenvolvidos de forma isolada e desarticulada e ficam muito ligados à figura do professor. Esses projetos são importantes, todavia precisam inserir-se no contexto maior da escola e assumidos pela comunidade escolar. O diálogo e o encontro com o outro na escola, na comunidade são centrais na elaboração de uma prática interdisciplinar (PARANÁ, 2006, p. 40).

Outro fator a considerar-se é a prática da pesquisa. É pesquisando que os alunos descobrem, fortalecem seus conhecimentos, cristalizam seus saberes, aplicam suas descobertas em suas práticas sociais. Porém, para isso, o professor também deve ser pesquisador. A pesquisa do docente deve focar seu público-alvo, para a preparação de atividades, de aulas específicas, focadas na realidade na qual seus alunos estão inseridos:

A pesquisa é elemento essencial para que o professor aprofunde os seus conhecimentos, ou para que entre em contato com os aspectos da realidade vivida pelos povos do campo. Ela requer observação, experimentação, reflexão, análise, sistematização e estudos para aprofundamento teórico. As crianças são pequenos cientistas, indagam a respeito de tudo. (...) Com Freire, pensamos que ensinar exige pesquisa, paciência e respeito. Em se tratando da educação do campo, a pesquisa é essencial para que se desvelem as relações sociais de produção, os saberes que estão presentes no cotidiano do trabalho, da organização política, da negociação econômica dos produtos. Ao descobrir os saberes da vida cotidiana, o professor terá

mais elementos para construir o planejamento de ensino, selecionar textos para estudo, organizar a aula, o processo pedagógico (PARANÁ, 2006, p. 40).

Assim sendo, ao conhecer vastamente a realidade do educando do campo, o professor poderá aprimorar ainda mais sua prática pedagógica, fornecendo subsídios para seus educandos, despertando-lhe o gosto, o interesse e a participação nas aulas de Língua Portuguesa, sendo que lhes estarão mais atrativas e interessantes, pois contemplam sua realidade, sua cultura, seus valores, suas experiências e seus conhecimentos prévios.

#### **4 METODOLOGIA**

O presente estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica com coleta de materiais (como artigos, obras literárias e outros), estudo e análise de diversas obras sobre o tema em questão.

Conforme salientam Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Para Gil (2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos”. Pode-se, através deste tipo de pesquisa, fazer comparações entre opiniões de vários autores, que apresentam o mesmo assunto de modo diferente.

Já sobre o objetivo principal da pesquisa bibliográfica, Köche (1997) apresenta que é: “Conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa” (KÖCHE, 1997, p. 122).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o tema educação do campo, pode-se inferir, para muitas pessoas, a mesmo traz implícita a ideia de isolamento, de escolas retiradas, afastadas do perímetro urbano, da “civilização”, de alunos e professores trabalhando em hortas, plantando árvores frutíferas, entre outras ideias errôneas e que, infelizmente, já estão, há muitos anos, sendo cristalizadas por uma sociedade que segue a ideologia consumista e capitalista.

Exceto a questão de agroindústrias e agronegócios, que vem recebendo destaques midiáticos nos últimos anos, o campo vinha sendo percebido como algo sem serventia, sendo demonstrada a ideia de que a cidade era sempre o melhor lugar. Assim, o “caipira” não teria mais vergonha, caso se tornasse “homem urbano, civilizado”.

Porém, a realidade é diferente. É no campo que tudo é possível. E isso o docente da educação do campo deve ressaltar, enfatizar, demonstrar aos seus alunos como o viver no campo é bom, é proveitoso, de como sua pequena propriedade rural é importante para si e para a sociedade. O docente deve fazer com que seus educandos se orgulhem de viver no campo, e que tenham sempre vontade de continuar nele.

Isso não significa isolar-se do mundo. As tecnologias podem e devem estar presentes na área rural. Por que não internet, TV a cabo, celular, tablet, GPS, entre outras tecnologias que podem ser aplicadas na agricultura e na pecuária, por exemplo? Mas significa o resgate de sua cultura, de seus valores, porém na atualidade. Sabe-se que, hoje, no campo, é possível ter praticamente todas as “regalias e confortos” que a cidade também oferece.

O aluno do campo deve se sentir bem no local onde vive, gostar de estar ali, de trabalhar, de aprender e de estudar no campo. E, conhecendo esta realidade, o docente pode contribuir imensamente com tudo isso. E a disciplina de Língua Portuguesa é privilegiada para isso. São textos, informações, debates orais, seminários e infinitos outros recursos e metodologias de ensino que podem e devem ser empregadas para a efetivação da aprendizagem. Basta o docente conhecer a realidade, planejar bem suas aulas, pesquisar, buscar materiais e

informações sobre o campo, seus anseios, seus objetivos. A educação deve ser significativa para o educando.

Assim, através deste estudo, visa-se resgatar a valorização do campo, da educação aplicada no campo, do contexto no qual o aluno está inserido e que o mesmo é importante para a sociedade. Realizou-se através de pesquisa bibliográfica.

Contudo, contempla-se que não há estudos e apresentação suficientes para subsidiar o trabalho pedagógico na educação do campo. Há poucos autores que contemplam metodologias específicas para esta modalidade de ensino, sendo que o professor deve possuir muita criatividade, boa vontade, conhecer vastamente a realidade e anseios de seus educandos, e, acima de tudo, comprometimento com a educação de seus educandos.

Sobre os objetivos propostos para realização deste estudo, averiguou-se que foram contemplados. Como soluções para atingir os objetivos específicos propostos, afirma-se que, primeiramente, é o contato direto do professor com o educando para o pleno conhecimento de sua realidade. Assim, desde as práticas metodológicas em sala de aula para a educação do campo até a abordagem dos conteúdos devem contemplar, especificamente, a realidade na qual seu aluno está inserido. Assim, o processo de aprendizagem será significativo para o educando.

## **6 REFERÊNCIAS**

BRASIL. Congresso Nacional. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: Traços de uma Identidade em Construção**. *In: Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas – Caderno 4*. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2002.

DUARTE, V. P. e GRIGOLO, S. C. (orgs). **Agroindústria Associativa/familiar: o mito da viabilidade**. Francisco Beltrão/Pr, ADMR, 2006.

FERNANDES, B. M. **Espaços Agrários de Inclusão e Exclusão Social: Novas Configurações do Campo Brasileiro**. Revista do Laboratório de Geografia Agrária - V. I. São Paulo: DG/FFLCH/USP, 2004

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRITTI, M. S. **Educação Rural e Capitalismo**. Passo Fundo/RS: UPF, 2003.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. **Panorama da Educação no Campo**. Brasília/DF: MEC, 2007.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001

MUNARIM, Antônio. **Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção**. UFSC. Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT03-4244--Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT03-4244--Int.pdf). Acessado em 16 março 2014.

ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento Lingüístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

PARANÁ. **Caderno Temático da Educação do Campo**. Secretaria de Estado da Educação/SEED. Curitiba, 2009.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Secretaria de Estado da Educação/SEED. Curitiba, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.